

e a santificação do trabalho

o e Eva. A preguiça, por sua vez, foi transformada pela Igreja católica em pecado capital

ARTIGO

Estabelecendo limites

Por Cecília Farias*

Um dos conhecimentos trabalhados na escola é a importância de os alunos agirem dentro de determinados limites, respeitando o regimento social que garante um convívio saudável entre os grupos sociais. A máxima *o meu limite vai até onde começa o do outro* é referida pelos professores que têm redobrado trabalho em razão de os limites sociais dos alunos não serem, muitas vezes, valores construídos na família.

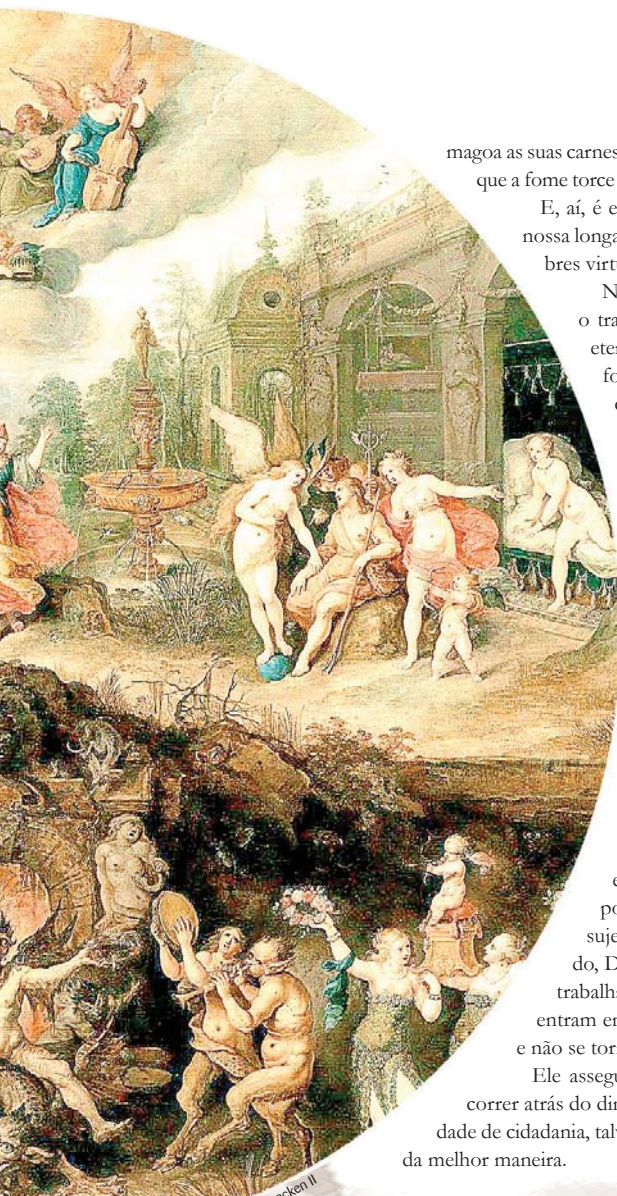
A vida atribulada pelas inúmeras tarefas educacionais, que ficam cada vez mais por conta dos professores, e a “obrigação” de cumpri-las no tempo exíguo estabelecido pelas instituições, afastam o professor da reflexão sobre os seus próprios limites.

Além disso, existe o temor de que, ao não atender as demandas crescentes das instituições, poderão diminuir o seu prestígio e, consequentemente, serem dispensados da instituição. Por entenderem que direções e coordenações normalmente se pautam pelas múltiplas exigências aos docentes, acabam aceitando tarefas muito complexas para o tempo estabelecido. Muito frequentemente, nem tentam argumentar sobre a dificuldade de desempenhar a tarefa imposta no tempo determinado e, muito menos, sobre a pertinência de determinado trabalho ser desenvolvido por professor e não por outros profissionais da instituição.

A consequência de toda essa sobrecarga de trabalho é o adoecimento do professor. O desgaste provocado pelas tarefas profissionais estão entre as principais causas do estresse. Como consequência, intensificaram-se o aparecimento de dores musculares, a ansiedade, a angústia e o cansaço. E o pior, acabam trabalhando doentes, porque na instituição privada a falta ao trabalho é “falta grave”.

É chegada a hora de o professor pensar nos seus próprios limites, reagindo contra deveres que lhe são impostos, contra os constrangimentos sofridos na instituição, o acúmulo de trabalho, às atitudes assediosas dos superiores, ao cansaço, à falta de respeito. O professor precisa dizer sim a uma vida em que a realização profissional e pessoal o estimulem ao lazer, à cultura, à criatividade, ao convívio com seus familiares e amigos, ao investimento no constante crescimento pessoal, à sua própria vida.

*Diretora do Sinpro/RS, conselheira do CEEEd.



Choice Between Virtue and Vice, 1633 de Frans Francken II

magoa as suas carnes, dá cabo dos seus nervos; desde há um século que a fome torce as suas entranhas e alucina os seus cérebros...”

E, aí, é ele quem reza: “Ó, preguiça, tem piedade de nossa longa miséria! Ó, preguiça, mãe das artes e das nobres virtudes, sê o bálsamo das angústias humanas!”

No livro do Gênesis, da Bíblia judaico-cristã, o trabalho é imposto por Deus como uma pena eterna a Adão e Eva. Já a preguiça, por sua vez, foi transformada pela Igreja católica em um pecado capital, qual seja: condenável.

Lafargue não estava sozinho em sua tese. Trouxe para seu apoio a vida dos gregos antigos, que tinham desprezo pelo trabalho. “Só aos escravos era permitido trabalhar. O homem livre só conhecia os exercícios físicos e os jogos de inteligência. Poetas cantavam a preguiça, esse presente dos deuses”.

ÓCIO – Em meados dos anos 1990, início de 2000, os livros do sociólogo italiano Domenico De Masi passaram a ser leitura obrigatória entre os sindicalistas brasileiros. Os mais conhecidos são *Desenvolvimento sem trabalho* e *Ócio criativo*.

O italiano enxerga o trabalho como uma escravidão e aponta que a saída para a humanidade é monopolizar a imaginação e a criatividade, qualidades que os robôs não possuem. Tal qual a moral cristã, que faz o sujeito se sentir culpado se não estiver trabalhando, De Masi acredita que as pessoas gostariam de trabalhar menos. Porém, quando conseguem isso, entram em depressão pela simples vontade de ser útil e não se tornar ocioso.

Ele assegura que assim que a humanidade deixar de correr atrás do dinheiro, como único objetivo de vida e identidade de cidadania, talvez, no futuro, possa dispor do tempo ocioso da melhor maneira.

de sua paixão pelo trabalho” – Paul Lafargue